

## SIMPÓSIO 50

### TRATAMENTO DE ORAÇÕES COMPLEXAS NO PORTUGUÊS

No Brasil, os linguistas de orientação funcionalista vêm, nas últimas décadas, privilegiando a análise das orações complexas de diversos tipos (DECAT 1993, DIAS 2001, GONÇALVES 2001, NEVES 2000, PAIVA 1991, BRAGA 2008, a título de exemplo). Usualmente rejeitam a dicotomia adotada pela abordagem tradicional dos estudos sobre a linguagem, de acordo com a qual as orações constitutivas de uma oração complexa se vinculam ou por coordenação ou por subordinação, e endossam um enfoque segundo o qual as orações complexas podem ser distribuídas ao longo de um *continuum* conforme o maior ou menor grau de vinculação de seus segmentos constitutivos. Os mencionados estudiosos tomam como ponto de partida a proposta de Halliday (1985), retomada em Matthiessen e Thompson (1988) e Hopper e Traugot (1993, 2003), para quem as orações podem se combinar por parataxe, hipotaxe e encaixamento, processos estes identificáveis pelos traços dependência e encaixamento. A parataxe se caracteriza pelos traços [-dependência][-encaixamento], a hipotaxe, pelos traços [+dependência] e [-encaixamento] e a subordinação, pelos traços [+dependência] [+encaixamento]. Algumas investigações se valem, com frequência, do modelo desenvolvido por Lehmann (1988) que propõe uma gradiente mais fina no que se refere à “degradação hierárquica das orações” postas em combinação: orações independentes, orações adjungidas, díades correlativas, orações mediais e orações governadas. Os trabalhos usualmente defendem a hipótese de desvinculação entre processo sintático de articulação e tipo de relação semântica que emerge no período complexo, sustentando que uma relação semântica particular pode ser sinalizada por processos sintáticos diferenciados. Priorizam a investigação de dados empíricos reais, rejeitando os exemplos artificiais criados para ilustrar uma hipótese específica. Inicialmente mais voltados para a dimensão sincrônica, se ampliaram para uma dimensão diacrônica, buscando-se explicações para a forma de desenvolvimento dos processos de articulação de orações. Variáveis linguísticas e sociais diversas têm sido contempladas com vistas a dar conta tanto de aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos quanto do efeito que as características dos falantes possam ter sobre a estrutura linguística. Este simpósio, intitulado “Tratamento das orações complexas no Português”, visa a discutir estudos sobre combinação de orações sob a perspectiva brevemente esboçada acima e aceitará trabalhos que examinem as orações complexas em qualquer variedade do português – brasileiro, europeu, africano, asiático e insular. Serão aceitos trabalhos que incidam sobre qualquer dos processos de vinculação das orações complexas – parataxe, hipotaxe e subordinação.

#### COORDENAÇÃO

**Maria Luiza Braga**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
malubraga@terra.com.br

**Maria da Conceição Paiva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
paiva@club-internet.fr

## A CONEXÃO CAUSAL NO PORTUGUÊS ARCAICO

Fabrcio da Silva AMORIM (UNESP)<sup>944</sup>

**Resumo:** O presente trabalho investiga, semântica e pragmaticamente, o estabelecimento da relação de causalidade entre orações, em textos representativos do português arcaico. A análise é conduzida pelo seguinte problema: como se caracterizam as *relações de sentido* das orações causais no português arcaico? Para responder a essa questão, este estudo descreve as relações de causalidade codificadas pelas orações, a partir do reconhecimento de domínios de causalidade (SWEETSER, 1990; DEGAND; PANDER MAAT, 2001).

**Palavras-chave:** Orações. Conectores. Causalidade. Português Arcaico.

### 1. Apresentação

Este trabalho representa parte da pesquisa intitulada *Gramaticalização de conectores causais na história do português*, que está sendo desenvolvida, em nível de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto<sup>945</sup>.

O projeto *Gramaticalização de conectores causais na história do português* propõe-se a investigar, em perspectiva diacrônica, os conectores causais responsáveis por codificar/explicitar a relação de causalidade entre orações ou entre uma oração e um sintagma. Por assumir como objeto de estudo elementos pertencentes à *gramática*, o projeto pauta-se, sobretudo, pela abordagem da Gramaticalização (HEINE, 2003; HOPPER, TRAUGOTT, 1993), a fim de descrever os diferentes padrões semântico-pragmáticos e sintáticos dos conectores causais em três sincronias do português, quais sejam, o português arcaico (século XIII ao XV); moderno (século XVI ao XVIII) e contemporâneo (século XIX aos dias atuais)<sup>946</sup>.

O trabalho que ora se apresenta, entretanto, como parte da pesquisa acima descrita, assume um caráter sincrônico, visto que se destina a analisar as orações causais em uma única sincronia: o *português arcaico*. Assim, tendo como objeto de estudo formas responsáveis pela junção causal no nível interoracional, esta investigação envolve considerações sobre o estabelecimento da relação semântica de causa e os diferentes níveis em que ela pode se manifestar, em virtude de fatores discursivo-pragmáticos.

### 2. A relação de causalidade

Muitos trabalhos mostram que a causalidade, codificada, no nível interoracional, por diferentes conectores, não deve ser entendida como uma relação semântica unívoca (Cf. AMORIM, 2012a; PAIVA, BRAGA, 2010; NEVES, 2000). Há, na realidade, *relações de causalidade*, que apresentam valores ambíguos e diversos (Cf. SWEETSER, 1990). Conforme aponta Amorim (2012b, p. 513), nas gramáticas de orientação tradicional, a relação de

<sup>944</sup> Aluno do curso de Doutorado em Estudos Linguísticos da UNESP/Campus São José do Rio Preto; professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Bahia – IFBA/Campus Valença. E-mail: fabricioamorim6@gmail.com

<sup>945</sup> Tal pesquisa, que conta com a orientação da Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin e o apoio financeiro da CAPES, encontra-se no seu *segundo* ano de desenvolvido.

<sup>946</sup> A periodização do português segue proposta de Mattos e Silva (2008).

causalidade é vista a partir da dicotomia *explicação/causa*, não havendo, entretanto, a explicitação de critérios suficientes para a distinção dessas noções.

Propostas de base funcionalista, como a de Neves (2000) e Sweetser (1990), tendem a refutar a visão dicotômica da Gramática Tradicional, mostrando que a relação de causalidade deve ser investigada a partir de um *continuum*. Sweetser (1990, p. 76-86) examina os diferentes valores da conjunção inglesa *because*, propondo que a relação de causalidade pode se manifestar em três domínios distintos – *referencial*, *epistêmico* e dos *atos de fala*. Segundo a autora,

Causal conjunction is in the speech-act domain, then, indicates causal explanation of a speech act being performed, while in the epistemic domain a causal conjunction will mark the cause of a belief or a conclusion, and in the content domain it will mark a “real-world” causality of an event. (SWEETSER, 1991, p. 81)<sup>947</sup>

Pautada pela visão funcionalista da linguagem, a proposta de Sweetser não reduz a análise da causalidade a descrições estritamente semânticas, propondo uma interpretação das construções causais que prevê a consideração de aspectos cognitivos e pragmáticos.

Também baseados num paradigma cognitivo e funcional da linguagem, Degand e Pander Maat (2001) analisam as diferentes manifestações de causalidade a partir do nível de *(inter)subjetividade* nelas presentes. Dessa forma, postulam uma *escala de causalidade baseada no envolvimento do falante*, visando a superar classificações dicotômicas (*causa vs. explicação/razão*) e tripartidas (domínios de causalidade segundo Sweetser, 1990) a respeito da conexão causal. Para os autores, as diferentes manifestações da causalidade dispõem-se em uma escala que vai do mínimo (causalidade não-volitiva) ao máximo (causalidade conversacional) envolvimento do falante no estabelecimento da relação causal. O *envolvimento do falante* refere-se, portanto, ao grau com que o *enunciador* interfere na construção da relação causal. O nível de envolvimento acentua-se à medida que aumenta o número e a força de pressupostos nos quais o falante se apoia para construir ou interpretar uma determinada relação (DEGAND; PANDER MAAT, 2001, p. 02).

Embora se proponham a “fugir” de categorizações na defesa de um modelo escalar, Degand e Pander Maat (2001) acabam por estabelecer os seguintes *subtipos causais*: i) *Causa (referencial) não-volitiva*; ii) *Causa (referencial) volitiva*; iii) *Causa epistêmica* e iv) *Causa conversacional*.

Como se pode notar, a proposta de Degand e Pander Maat (2001) não difere em muito do que propõe Sweetser (1990), mas parece descrever nuances pressupostas nos diferentes domínios de causalidade, que não são explicitadas pela autora.

### 3. O corpus e os dados

O *corpus* desta pesquisa apresenta um total de 82 685 palavras, sendo constituído por nove textos representativos do português arcaico. A periodização do português adotada baseia-se em Mattos e Silva (2008), que, por ora, tem sido bastante aceita nos estudos de Linguística Histórica no Brasil. Assim, conforme defende a autora, o português arcaico – recorte sincrônico deste trabalho – compreende o período entre os séculos XIII e XV. Qualitativamente, as amostras selecionadas representam diferentes gêneros textuais e, por

<sup>947</sup> Uma conjunção causal no domínio dos atos de fala indica, portanto, uma explicação do ato de fala sendo realizado, enquanto, no domínio epistêmico, uma conjunção causal marcará a causa de uma crença ou conclusão, e, no domínio referencial, expressará a causa, observável no mundo real, de um evento. (Tradução do autor deste trabalho)

isso, estão inseridas em diferentes Tradições Discursivas (KABATEK, 2006)<sup>948</sup>. No entanto, reconhecidas as diferenças nas finalidades comunicativas e na composicionalidade, há uma característica estilística e discursiva que aproxima os textos selecionados: a *narratividade*.

No *corpus* consultado, encontraram-se 635<sup>949</sup> ocorrências de conectores causais, que, conforme se vê na Tabela 01 abaixo, apresentam diferentes frequências no decorrer do período:

**TABELA 01.** Conectores causais encontrados no *corpus*

		SÉCULO								TOTAL	
		XIII		XIV			XV				
TEXTO	CONECTOR	DSG	FR	FLOS	CGE	PP	CDF	CFG	LC		CTC
CA		104 (31%)	10 (03%)	57 (17%)	33 (10%)	52 (15%)	07(02%)	32(09%)	24(07%)	20(06%)	339 (53%)
PORQUE		19 (09%)	18(08%)	12 (05%)	26 (12%)	28 (13%)	14(06%)	28 (13%)	47(21%)	28(13%)	220 (34%)
QUE		03(50%)	-	-	-	-	02(34%)	-	01(16%)	-	06 (0,5%)
POIS QUE		05(27%)	01(05%)	-	-	05(27%)	02(10%)	02(10%)	01(05%)	03(16%)	19 (03%)
POIS		06(35%)	-	-	01(06%)	01(06%)	02(12%)	01(06%)	02(12%)	04(23%)	17 (02%)
POR		01(09%)	-	-	-	-	02(18%)	-	07(64%)	01(09%)	11(01%)
PERO QUE		-	-	-	02(100%)	-	-	-	-	-	02 (0,2%)
COMO		-	-	-	01(100%)	-	-	-	-	-	01(0,1%)
DE MAIS QUE		-	-	-	01(100%)	-	-	-	-	-	01(0,1%)
PELA GUIZA QUE		-	-	-	01(100%)	-	-	-	-	-	01(0,1%)
PORQUANTO		-	-	-	-	-	06(34%)	01(06%)	04(22%)	07 (28%)	18 (03%)
<b>TOTAL</b>		38(22%)	9 (04%)	9(11%)	65(10%)	6(13%)	5(5%)	4(10%)	6(13%)	3(12%)	635 (100%)

Como se observa, a forma *ca* – que representa 53% do total das ocorrências – firma-se como o conector causal mais frequente no *corpus*, seguido pelas formas *porque*, *pois que*, *porquanto*, *pois* e *por*. O fato de o *ca* representar o conector causal mais frequente da amostra determina um outro resultado, a saber, o de que a *causalidade conversacional* é predominante

<sup>948</sup> Embora se reconheça aqui que existe uma história dos textos independente da história das línguas e que o estudo da mudança linguística deve levar em conta essa “independência” (KABATEK, 2006), no presente trabalho, as Tradições Discursivas não são *efetivamente* tomadas como fator de análise.

<sup>949</sup> Esse valor *não* representa a *quantidade real* das ocorrências encontradas no *corpus*. Cerca de 60 dados – referentes, sobretudo, às formas *pois*, *pois que*, *que* e *por* –, por parecerem ininteligíveis ou ambíguos, foram excluídos desta investigação.

no *corpus* (Cf. seção a seguir). Mattos e Silva (2008) e Barreto (1999) também assinalam a maior frequência das formas *ca* e *porque* durante todo o período arcaico. No entanto, como mostra a Tabela 01, no século XV, *ca* experimenta uma expressiva diminuição de frequência, o que culminou no seu total desaparecimento no século XVI (OLINDA, 1991, p. 78).

#### 4. A descrição semântico-pragmática

Este trabalho elege como *fator* de análise semântico-pragmática a expressão da causalidade. Assim, com base nas propostas de Sweetser (1990) e Degand e Pander Maat (2001), descritas na Seção 2, é possível identificar, no português arcaico, os seguintes padrões para a expressão de causa entre orações:

Padrão I: *causalidade (referencial) não volitiva*

(01) E **POR QUE** aquella terra he muito poborada, nom podiam todos caber no castello. [ *E porque aquela terra é muito povoada, não podiam todos caber no castelo*] (CDF)

Esse exemplo ilustra a relação causal estabelecida sob um alto grau de objetividade, na medida em que apresenta *estados de coisas* causalmente articulados no *mundo real*.

Padrão II: *causalidade (referencial) volitiva*

(02) Tôda a noite andou, desviando-se por u viia mais espêssa a foresta, **CA** nom queria que em nêhũa guisa o achassem. (DSG) [*Andou por toda a noite, desviando-se para onde via floresta densa, porque não queria, de maneira alguma, que o encontrassem.*]

Nesse caso, a causalidade estabelecida é observável no mundo real, mas apresenta, explicitamente, um *protagonista-agente* responsável pelo estado de coisas codificado no segmento efeito, o que, conforme Degand e Pander Maat (2001), atribui ao enunciado um certo grau de subjetividade.

Padrão III: *causalidade epistêmica*

(03) outra vez trouverom-lhi hũa manceba a que apodrecerom as entranhas, assi que o mais havia ende perdido, **ca** todo se saya em vermeens, assi que nêguũ nõ se podia a ela chegar polo mao odor. (FLOS) [*Outra vez, trouxeram-lhe uma moça cujas vísceras apodreceram, de tal maneira que as havia perdido em grande parte, porque delas saiam vermes, tanto que ninguém podia se aproximar dela por causa do mau cheiro.*]

Na causalidade epistêmica, a relação é construída com base na *avaliação* ou *conclusão* do enunciador. O exemplo (03) é bastante prototípico, visto que o segmento causal não codifica uma *causalidade efetiva*, mas *proposicional* (NEVES, 2000), baseada numa observação/conclusão subjetiva do enunciador: *observo que há vermes por todo o corpo da “manceba” e isso me permite concluir que suas “entranhas” estão “podres”*.

Padrão IV: *causalidade conversacional*

(04) Irmaã, fremosa creatura, que farei de vós? **CA** nom posso estar que vos nom mate. (DSG) [*Irmã, formosa criatura, o que farei de você? Porque não posso ficar sem matá-la.*]

Nesse caso, a relação causal é estabelecida no domínio dos atos de fala. Em (04), o segmento causal representa a justificativa de um *ato de fala interrogativo*.

Padrão V: *causa discursiva*

(05) Chegamos a Nitrea em hũu logar avondado de moesteyros. **CA** a quareenta milheyros d'Alexandria é esta Nitrea. (FLOS) [*Chegamos a Nitrea em um lugar repleto de mosteiros. Porque (?) Nitrea está a quarenta “milheyros” (mil) de Alexandria.*]

O uso discursivo dos conectores causais diz respeito aos casos em que a relação causal sofre total *esvaziamento* semântico. Conforme assinalado, os padrões de uso dos conectores são descritos a partir da proposta de Sweetser (1990) e Degand e Pander Maat (2001). Entretanto, como alguns dados não se acomodam a essas propostas, foi preciso acrescentar mais um padrão, o *discursivo* (Cf. PAIVA; BRAGA, 2010). Ao que parece, nesse domínio, há uma *frouxidão* sintática e semântico-pragmática mais acentuada que no domínio dos atos de fala. Veja-se que, no exemplo (05), não parece haver uma relação causal entre os segmentos conectados pelo *ca*, ainda que se tente interpretar o enunciado sob a perspectiva de uma causalidade mais subjetiva. Nesse último caso, segundo defende Mattos e Silva (1989), o *ca* teria valor equivalente ao conector paratático *e*, mas sem relevância semântica e sintática ao enunciado.

A Tabela 02 abaixo permite visualizar a frequência de uso dos conectores encontrados no *corpus* em relação aos padrões de causalidade.

**TABELA 02.** Conectores e as relações de causalidade por eles estabelecidas

Conector	Relação de causalidade					TOTAL
	Causa não volitiva	Causa volitiva	Causa epistêmica	Causa conversacional	Causa discursiva	
<b>CA</b>	18(05%)	07(02%)	70(20%)	237(69%)	07(02%)	339
<b>PORQUE</b>	41(18%)	21(09%)	44(20%)	144(51%)	-	220
<b>QUE</b>		01(16%)	05(83%)			06
<b>POIS QUE</b>	01(05%)	04(21%)	14(73%)			19
<b>POIS</b>	02(11%)	15(88%)				17
<b>POR</b>	05(45%)	03(27%)	01(09%)	02(18%)		11
<b>PERO QUE</b>	02(100%)					02
<b>COMO</b>	01(100%)					01
<b>DE MAIS QUE</b>	01(100%)		01(100%)			01
<b>PELA GUIZA QUE</b>	01(100%)					01
<b>PORQUANTO</b>		03 (16%)	04(22%)	11 (61%)		18

Os resultados acima revelam que grande parte dos conectores causais encontrados no *corpus* marca relações causais mais subjetivas – *causa epistêmica* e *causa conversacional*. A maioria dos conectores exibe, portanto, comportamento que parece ratificar a hipótese da especialização (HOPPER, 1991). O caso do *ca* parece o mais prototípico: como se vê, 69% das suas ocorrências estão no domínio dos atos de fala, enquanto apenas 07% estão no domínio referencial (*causa não volitiva* e *causa volitiva*). O *porque*, considerado polissêmico no português atual (AMORIM, 2012a; BRAGA; PAIVA, 2010), no *corpus* desta pesquisa, apresenta forte tendência em marcar noções causais mais subjetivas. Seriam também especializados na expressão da causalidade subjetiva as formas *pois que* e *porquanto*. Por

outro lado, os conectores *pois* e *por* tendem a especializarem-se na marcação da causalidade objetiva.

## 5. Considerações finais

As análises apresentadas neste trabalho permitem as seguintes conclusões:

- i) Embora exiba certa variedade de formas no rol da conexão causal, o português arcaico dispõe de um número restrito de conectores que, efetivamente, têm uso frequente. Destacam-se, assim, os conectores *ca*, *porque*, *pois que* e *pois*;
- ii) Mais da metade de todas as ocorrências das orações causais, nesse período, está nos domínios epistêmico e conversacional, ou seja, prevalece o estabelecimento de relações causais mais subjetivas;
- iii) No *corpus* consultado, a maioria dos conectores encontrados pode, portando, ser considerada formas *especializadas* na expressão da *causalidade subjetiva*;

Por ora, generalizar esses resultados, apontando-os como *reflexo dos usos reais do período arcaico da língua portuguesa*, não é possível, tampouco seria plausível. Apenas a observação das *Tradições Discursivas* (KABATEK, 2006) nas quais os textos do *corpus* se inserem viabilizará a apresentação de resultados confiáveis para generalizações, o que se pretende realizar nas próximas etapas de desenvolvimento desta pesquisa.

## Referências Bibliográficas

AMORIM, Fabrício da Silva. *Construções causais com por causa que: um caso de gramaticalização*. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. (2012a)

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a relação de causalidade na conexão de orações: da tradição à descrição. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 6, p. 500-515, 2012. (2012b)

BARRETO, Therezinha. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. 636 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

DEGAND, Liesbeth ; PANDER MAAT, H. Scaling causal relations in terms of Speaker Involvement. Levels of Representation in Discourse, *Working Notes of the International Workshop on Text Representation*, Edinburgh University, 2001. p.45-54

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: Joseph, Brian & Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003. p. 575-601.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, T; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. MATTOS E SILVA; R. V. *O Português Arcaico: Uma Aproximação*. Vol. I e II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 801-829.

OLINDA, S. R M. de. *Pois e Ca: mudanças semânticas e sintáticas no português arcaico*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1991.

PAIVA, Maria da Conceição; BRAGA, Maria Luiza. Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2010, v. 1, p. 55-71.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University, 1990. p. 23-48.



## SENTENÇAS COMPLETIVAS DO VERBO *ACHAR*: GRAUS DE VINCULAÇÃO SINTÁTICA, CONTEXTO MORFOSSINTÁTICO E GRAMATICALIZAÇÃO<sup>950</sup>

Cristina dos Santos CARVALHO (UNEB<sup>951</sup>)

**Resumo:** Neste trabalho, a partir de alguns parâmetros linguísticos, examino os graus de vinculação sintática entre as completivas de *achar* e as suas matrizes, associando-os aos usos gramaticalizados ou não desse verbo. Foco minha atenção nos usos atualizados no contexto morfossintático de primeira pessoa do singular, contexto favorecedor da gramaticalização de *achar*. Para tanto, valho-me de pressupostos teóricos funcionalistas relacionados aos processos de articulação de orações, integração sintática e gramaticalização (LEHMANN, 1988; GIVÓN, 1990; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, dentre outros). Como *corpus*, utilizo dados do português falado no Brasil extraídos do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador (PEPP).

**Palavras-chave:** Processos de articulação de orações. Sentenças completivas. Integração sintática. Gramaticalização. Contexto morfossintático.

### 1. Introdução

Fundamentando-me em postulados funcionalistas, analiso, neste trabalho, os usos do verbo *achar* e de suas completivas instanciados sobretudo no contexto morfossintático de primeira pessoa do singular. A ênfase a esse contexto se justifica pelo fato de ele ter se mostrado produtivo para a gramaticalização de *achar* em estruturas complexas como modalizador de opinião e advérbio de dúvida (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; FREITAG, 2003); nesse último uso, além da gramaticalização de *achar*, ocorre uma dessentencialização da sentença matriz (LEHMANN, 1988) e, conseqüentemente, uma reanálise da construção complexa em simples.

Assim, baseando-me em algumas propriedades linguísticas (tipo de estrutura sintática, presença e tipo de argumento interno, presença/ausência da conjunção integrante *que*), verifico os graus de vinculação sintática entre *achar* e as suas completivas, relacionando-os aos usos gramaticalizados ou não desse verbo. Para tanto, examino dados da modalidade falada do português brasileiro extraídos do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador (PEPP). Como amostra, utilizo-me de 16 entrevistas desse banco de dados (LOPES et al., 2009).

A discussão aqui apresentada se divide em duas partes. Na primeira, contemplo algumas questões sobre os processos sintáticos de articulação de orações e, mais especificamente, sobre as construções subordinadas com sentenças completivas. Na segunda, apresento os resultados encontrados na amostra analisada no que diz respeito aos usos de *achar*, as estruturas sintáticas em que se configuram e os tipos de argumentos internos que selecionam. Em seguida, teço as considerações finais no tocante à imbricação de parâmetros semânticos e sintáticos no domínio da complementação verbal.

---

<sup>950</sup> Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, intitulada *Gramaticalização de verbos em construções complexas na fala popular de Salvador: reanálise e contexto morfossintático*, vinculada ao Projeto *Linguagem na Cidade: uma fotografia sócio-discursiva de Salvador*.

<sup>951</sup> Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia - Campus XIV (Conceição do Coité) / PPGEL (Salvador), Brasil. E-mail: crystycarvalho@yahoo.com.br.

## 2. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas questões

Para a tradição gramatical, os dois principais processos de combinação de orações são a coordenação e a subordinação, cuja distinção é estabelecida a partir da noção de (in)dependência sintática e/ou semântica: enquanto as orações coordenadas são consideradas independentes quanto ao seu significado e quanto à estruturação sintática, as subordinadas são vistas como dependentes, porque, além de necessitarem de uma outra (da chamada principal) para que tenham sentido completo, desempenham nessa uma função sintática.

Como a dicotomia coordenação/ subordinação tem se mostrado insuficiente para dar conta das sentenças complexas possíveis nas línguas humanas, ela tem sido questionada por estudos linguísticos de diferentes orientações teóricas. Entre esses, destacam-se os estudos funcionalistas (de diversas vertentes), que têm proposto a revisitação e, por conseguinte, novas classificações para orações complexas (HALLIDAY, 1985; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, dentre outros).

Algumas dessas propostas, como as de Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), apresentam uma tipologização dessas orações a partir de *continua* que levam em conta níveis de maior ou menor vinculação sintática entre cláusulas (CARVALHO, 2004b). A título de ilustração, Hopper e Traugott (1993) consideram, com base nos traços *dependência* e *encaixamento*, os seguintes tipos de sentenças complexas, que podem ser dispostos em um *continuum* de estruturas menos gramaticalizadas (à esquerda) para mais gramaticalizadas (à direita), conforme demonstra o quadro 1.

Parataxe >	Hipotaxe >	Subordinação
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

Quadro 1: Características da parataxe, hipotaxe e subordinação a partir dos traços *dependência* e *encaixamento* (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 170).

As construções paratáticas podem se apresentar justapostas ou coordenadas: as primeiras se caracterizam pela adjacência de dois ou mais núcleos expressos em um único contorno entonacional sem o uso de um elemento conector; as segundas apenas diferem das primeiras pelo fato de serem interligadas formalmente por um conectivo. As estruturas hipotáticas incluem as orações relativas apositivas e as adverbiais da gramática tradicional.

Tradicionalmente, o termo subordinação abarca sentenças complexas com diferentes estatutos semântico-sintáticos, mais especificamente, as orações substantivas, adjetivas e adverbiais. Na proposta de Hopper e Traugott (1993), as construções subordinadas abrangem somente as cláusulas relativas restritivas e as completivas: as primeiras funcionam como modificadores de um nome da oração matriz; as últimas, como argumentos externos ou internos da matriz. As sentenças analisadas neste trabalho constituem casos de construções subordinadas que apresentam cláusulas que constituem um argumento interno do verbo *achar* e desempenham a função sintática de objeto direto.

Independente do tipo de argumento, as completivas têm se atualizado em padrões configuracionais diversos. Por exemplo, Gonçalves (2001, 2011) identifica, com base em critérios como grau de finitude da encaixada, correlação modo-temporal, tipo de modalidade e classe semântica do predicado matriz, padrões de orações subjetivas exclusivos da fala e da escrita do português brasileiro e comuns a essas duas modalidades.

Em Carvalho (2004a), ao examinar sentenças que constituem argumentos internos de verbos causativos e perceptivos, demonstrei que essas sentenças se distinguem, representando diferentes níveis de integração sintática: embora elas estejam alocadas em pontos à direita dos

*continua* de articulação de orações de Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), não se situam exatamente no mesmo ponto devido à atuação de parâmetros semântico-pragmáticos e formais que não partilham; assim, as completivas de causativos são mais integradas do que as de perceptivos.

Resultados como os supracitados servem como evidências empíricas da afirmação de Givón (1990) sobre a imbricação entre propriedades sintáticas das completivas e propriedades semânticas do verbo da matriz no domínio da complementação verbal. Ademais, um mesmo item verbal, enquanto predicado matriz, pode apresentar distintos usos em construções complexas e tais usos podem se refletir na codificação estrutural das suas cláusulas encaixadas.

Na contramão, aspectos semântico-funcionais da completiva também podem concorrer para a realização de formas distintas de complementação ou até mesmo para a determinação de valores do predicado matriz (SOUSA, 2011). Por exemplo, em Carvalho (2004a), registrei um tipo de *ver* que, embora indicasse percepção intelectual como outros usos desse verbo, só subcategorizava completivas finitas introduzidas pelas conjunções *se* ou *como* e sempre ocorria numa estrutura hipotática reduzida de finalidade. Tal uso foi identificado com o valor de ‘verificar algo no futuro’ (01). Nesse caso, lancei mão de um padrão sintático para estabelecer a distinção entre esse uso e outros empregos de *ver* que também expressavam percepção intelectual.

(01) Eu também sou muito... demorada pra estudar, porque eu gosto de ler o livro!... eu faço os exercícios *pra ver se eu entendi*... Ainda mais naquelas matérias que eu não sei nada. (Inf. 14, Amostra 00 (C), Colegial, p. 12)<sup>952</sup>

Na próxima seção, passo a examinar os usos de *achar* e as estruturas sintáticas em que se atualizam.

### 3. Usos do verbo *achar* e estruturas sintáticas

Em estruturas sintáticas simples ou complexas, o verbo *achar* tem se revelado um item polissêmico, apresentando usos menos e mais gramaticalizados sobretudo quando se observa a sua ocorrência no contexto morfossintático de primeira pessoa do singular. A categorização que será aqui apresentada para *achar* foi estabelecida a partir do cruzamento das propostas de Galvão (1999), Freitag (2003) e Votre (2004). Tais propostas se encontram sintetizadas no quadro a seguir:

Galvão (1999)	Freitag (2003)	Votre (2004)
Verbo pleno Apreciação Palpite Dúvida	Marcador de opinião Marcador de dúvida	Proposicional de incerteza epistêmica Proposicional de percepção Emotivo de sugestão

Quadro 2: Tipos de *achar* segundo diferentes autores.

<sup>952</sup> Exemplos de Carvalho (2004a).

Vale ressaltar que, no quadro acima, embora alguns rótulos apresentados pelos autores sejam diferentes, remetem a um mesmo tipo de *achar*. Isso acontece, por exemplo, com os seguintes tipos: apreciação e marcador de opinião; palpite e sugestão; dúvida e incerteza. Por essa razão, optei por agrupar, neste trabalho, esses rótulos na classificação de *achar*. Senti ainda a necessidade de incluir um novo tipo, que é típico de contexto hipotético.

Na fala popular de Salvador, foram então identificados os seguintes usos de *achar*: verbo pleno, com valor de ‘encontrar’ (02), apreciação/opinião (03), (04), palpite/sugestão (05), suposição/hipótese (06) e incerteza/dúvida (07).

(02) Hoje em dia se tem de tudo, filho tem televisão, tem isso, tem aquilo, tem dinheiro pra lanche, meu tempo eu nem me lembro se dava, as vezes, vontade de merendar. Hoje em dia as pessoa tem as coisa em casa e sempre acha que não tem as coisa. Nunca quer o que tem em casa. Não é isso ? E eu pegava em dinheiro? *Onde é que eu ia achar dinheiro?* ( PEPP, inf.41, p.7)

(03) [...] eu sou apaixonada por aquela farda do colégio militar, *acho arrumadíssima*. ( PEPP, inf. 12, p.13)

(04) [...] foi, estava assim, até, chegar até o ponto de uma vez eu mais a minha irmã ir por colégio e o porteiro chegar pra gente avisar que a gente não ia entrar devido a isso né, porque a gente não tinha pago a mensalidade, aí, eu mais minha irmã ainda voltamos chorando pra casa, foi horrível, a minha foi, aí tal, aí eu vim, quando foi no segundo, eu acho foi até por causa disso também de, problemas de pessoais, porque *eu acho isso afeta até a cabeça da pessoa*, que eu perdi de ano, e cheguei pra minha mãe e falei, “minha mãe eu vou repetir de ano só que eu não quero repetir no Santana, eu quero ir pra outro colégio [...]” ( PEPP, inf. 12, p. 3)

(05) [...] eu me lembro como hoje, eu sempre repetia meu maternalzinho foram, duas professoras foram as mesmas, depois entrou, tive uma professora na alfabetização que eu acho, *eu acho que todo mundo que se alfabetizou deve agradecer muito né a professora da alfabetização*, porque eu acho que tem uma parte né [...] (PEPP, inf. 12, p. 2-3)

(06) [...] ... a minha concepção de igreja é essa: se eu sou uma pessoa que gosto que venham me visitar, eu também tenho que ir visitar meu Deus. E o lugar da casa de meu Deus é aonde? a igreja. *Então eu acho que eu ir ali, eu vou visitar ele, eu vou falar com ele, vou conversar*, porque eu converso, eu chego, sento, e fico, tem horas que chego parecer que estou dormindo. Eu fico conversando, conversando, conversando ... Olhe, eu saio daqui até eu voltar, eu estou com o terço na mão. ( PEPP, inf. I, p. 14)

(07) a. Ah, tratavam muito bem né, mas não eram, mas não eram pessoas de recurso, esse lado dos G..., apesar de ter um outro lado que era assim digamos metido a rico né, mas o meu lado de cá era bem pobre, de forma que a gente foi eh, passando né desse jeito, quando o meu pai morreu, *eu estava acho que com doze anos aí eu fui morar com a minha tia lá no Rio Vermelho*, foi aí que eu me realizei da, como assim o prazer de menino de, de conhecer o mar, [...]. (PEPP, inf. 14, p.1)

b. DOC: E você a, ainda hoje se encontra com ela? Já...

18: Encontro mas a raiva já passou já, *agora a gente é amigo, eu acho*. (PEPP, inf. 18, p.2)

Na amostra analisada, documentou-se um total de 294 ocorrências de *achar* em estruturas simples e complexas. No que concerne aos resultados quantitativos, os usos de *achar* se distribuem conforme mostra o gráfico 1.

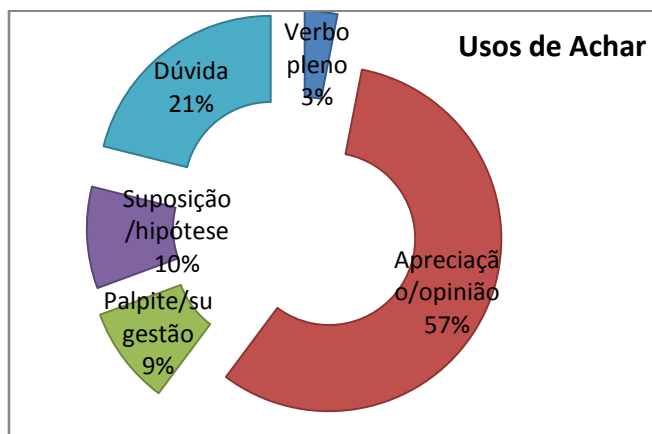


Gráfico1: Distribuição dos usos de *achar* na amostra

Quanto aos tipos de sentenças (simples ou complexas) e as configurações sintáticas das orações completivas, os usos de *achar* apresentam padrões sintáticos ora semelhantes ora divergentes, como se vê no quadro 3.

Usos de <i>achar</i>	Tipos de sentença	Tipo de argumento interno	Configuração da sintática completiva
Verbo pleno	Simples Complexa	Sintagma Nominal (SN)	-----
Apreciação/Opinião	Simples	SN + Sintagma Adjetival (SA)	-----
	Complexa	Oração	Finalita justaposta Finalita + <i>que</i>
Palpite/Sugestão	Complexa	Oração	Finalita justaposta Finalita + <i>que</i>
Suposição/Hipótese	Complexa	Oração	Finalita justaposta Finalita + <i>que</i>
Incerteza/ Dúvida	Complexa > Simples	Oração > Ø	Finalita + <i>que</i> > Ø

Quadro 3: Tipos de *achar* e padrões sintáticos

Convém destacar que, apesar de *achar* como verbo pleno poder ocorrer em cláusulas complexas (08), esse tipo não se configura como predicador de sentença matriz em construções subordinadas. Por exemplo, em (08), *achar* se encontra em uma construção paratática coordenada.

(08) Então, mas só que ela ia vender milho de manhã e ela queria justamente esse lenço. “Senhorita o lenço (inint) na cabeça”, “O lenço está aí, mana, procure, que está aí”. Eu procurei tudo mas sabendo que não estava lá... [...] *Aí eu fui procurar e não achei*. Ela pegou, me deu um bocado de porrada ... aí me deu uma dentada... ( PEPP, inf. 19, p.2)

Com relação às completivas de *achar* com valores de apreciação/opinião, palpite/sugestão, suposição/hipótese, embora elas só se realizem na forma finita, apresentam diferentes graus de vinculação sintática com as matrizes: um mais frouxo, em que as completivas ocorrem justapostas a matriz, como ilustra (04); outro, um pouco mais vinculado pela presença de um conector, no caso, da conjunção integrante *que* (05), (06). Na amostra, no que concerne a esses três tipos de *achar*, ocorrem mais completivas introduzidas por essa conjunção do que completivas justapostas, como se evidencia na tabela 1: apreciação/opinião (73,9%), suposição/hipótese (89, 3%), palpite/sugestão (100%). O interessante é que, nessa tabela, só há registro de completivas justapostas com os usos de suposição/hipótese e apreciação/opinião e com baixos percentuais de ocorrência (10,7% e 4,2%, respectivamente). Essa parece ser, então, a estrutura marcada para as completivas desses dois usos de *achar*.

Tabela 1: Tipo de argumento interno selecionado pelos usos de *achar*.

<i>Achar</i>	Usos de	SN	SN + SA	Completiva finita justaposta	Completiva finita + <i>que</i>	Sem argumento
Verbo pleno		9 100%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
Apreciação/ Opinião		0 0,0%	37 21,9%	7 4,2%	124 73,9%	0 0,0%
Palpite/Sugestão		0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	27 100%	0 0,0%
Suposição/ Hipótese		0 0,0%	0 0,0%	3 10,7%	25 89,3%	0 0,0%
Incerteza/ Dúvida		0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	37 59,6%	25 40,4%
<b>Total</b>		9	37	10	213	25

Uma outra observação que deve ser feita é que há indícios, no plano sincrônico, do uso de *achar* com valor de incerteza/dúvida ainda com *status* de verbo da matriz subcategorizando completivas finitas introduzidas por *que* (09). Na amostra, esses casos representam um percentual de 59,6%.

(09) Pra ela dançar, o primeiro aninho dela ela ficou dançando aquela música do Tchan, a gente ficou besta, a gente filmou, tirou foto, ela ficou dançando, *eu acho que, eu não sei eu acho que já está na televisão*, elas estão mesmo assistindo não vai ter jeito do pai mais a mãe desligar, de prender pra não, pra não ver. (PEPP, inf. 12, p.12)

Dos empregos de *achar*, constituem usos gramaticalizados em estruturas complexas os seguintes: (i) o de apreciação/opinião, em que *achar* funciona como modalizador, indicando marca de subjetividade (GALVÃO, 1999; FREITAG, 2001); e (ii) o de incerteza/dúvida, em que *achar* tem um comportamento semelhante a um advérbio de dúvida, funcionando como um parentético epistêmico, da mesma forma que aconteceu com o verbo *think* no inglês (THOMPSON; MULAC, 1991), também no contexto de primeira pessoa do singular. Nesse último uso, com a reanálise categorial de *achar*, ocorre uma redução da cláusula complexa, já que esse verbo deixa de ser predicador da matriz e, por conseguinte, deixa de selecionar uma completiva como argumento interno (40,4%), passando a funcionar como um constituinte da nova oração simples. Sobre essa questão, Lehmann (1988) afirma que uma gramaticalização forte do verbo principal pressupõe uma dessentencialização avançada, o que se justifica pelo fato de essa gramaticalização poder transformar o verbo da oração principal em um operador gramatical da sentença subordinada, reduzindo o escopo sintático desse verbo.

#### 4. Considerações finais

Segundo Braga (comunicação pessoal), “as propriedades das orações hipotáticas estão ligadas a nuances semânticas e ao tipo de conector”. A mesma observação é válida para o domínio da complementação verbal no que diz respeito à interpenetração de parâmetros sintáticos e semânticos. Nesse domínio, existe uma relação entre significados do verbo da matriz (tipo semântico ou usos de um mesmo verbo) e padrões de configurações da completiva, o que pode remeter a uma maior ou menor integração sintática entre as orações vinculadas.

No que diz respeito às completivas do verbo *achar*, os dados aqui examinados sugerem que o afrouxamento da integração entre completiva e matriz, por exemplo, no uso de apreciação/opinião em estruturas justapostas já constitui um indício da gramaticalização de *achar* em advérbio de dúvida, o que, provavelmente, motivou o seu deslocamento na antiga sentença complexa e possibilitou a reanálise dessa em sentença simples. Uma evidência disso pode ser vista em (10), que ilustra um caso menos prototípico de *achar* com valor de apreciação/opinião e que parece já caminhar para o valor de dúvida (BRAGA, comunicação pessoal).

- (10) Mas tem alguns pontos que, por exemplo, no Xuxa Park né que é dia de sábado tem o intimidade mirim né, que vai as cri, as crianças famosas pra ela fazer intimidade, perguntar tudo, aí de vez em quando vai umas crianças meu Deus, Xuxa pergunta de namorado? eu não sei, eu não sei se eu não, se minha cabeça ainda está meia coisa, naquele tempo como eu estou falando eu brincava de boneca, não pensava nem, não sabia o que era isso, nem tocava no assunto, ela fica perguntando de namorado pra, pras crianças ainda, Angélica com um programa infantil que eu acho até já infantil demais, um negócio assim meio, não tem nada ali de cultural, nada que ensina nada pra ninguém, a, *não tem um, uma postura de apresentadora eu acho*. ( PEPP, inf. 12, p.10-12)

É claro que, para resultados mais conclusivos sobre a observação feita anteriormente, seria necessário realizar uma pesquisa diacrônica sobre esse verbo e suas completivas, o que não constituiu objetivo deste trabalho, que apenas lidou com dados sincrônicos. Por fim, tomo aqui emprestadas as palavras de Sousa (2011, p. 10) para enfatizar que, no tratamento de sentenças subordinadas, é necessária “uma abordagem integrada, em que aspectos semântico-funcionais da matriz e da oração completiva sejam, pelo menos *a priori*, considerados igualmente [...]”.

## Referências Bibliográficas

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. 2004. 251 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004a.

\_\_\_\_\_. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. *Veredas*, v. 8, n. 1 e 2, p. 9-27, jan/dez, 2004 b.

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. 2001. 217 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. 2003. 112 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita. *Revista da ABRALIN*, v.10, n.1, p. 87-111, jan/jun, 2011.

HALLIDAY, Michael. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

LEHMANN, Cristian. Towards a typology of clause linkage. In HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LOPES, Norma da Silva et al. (orgs.). *Um estudo da fala popular de Salvador: PEPP*. Salvador: Quarteto, 2009. 375 p.

MATTHIESSEN, Cristian & THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.



SOUSA, Gisele Cássia de. Por uma abordagem funcionalista da complementação oracional. *Veredas*, v.15, n.1, p. 108-119, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-81.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

THOMPSON, Sandra & MULAC, Anthony. A quantitative perspective on the grammaticization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, Elizabeth C & HEINE, Bernd. (orgs.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. II. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 313-329.

VOTRE, Sebastião. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, Sebastião et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004. p. 11-49.